

# **O PRIMADO DA PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO AFETIVA COMO VIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS**

**Aluna: Marisa Targiano Schueler de Carvalho**

**Orientador: Abimar Oliveira de Moraes**

## **Introdução**

Na terceira etapa dessa pesquisa de fundamentação bíblica foi feita uma investigação sobre o modelo comunicacional predominante nas Escrituras Sagradas do Novo Testamento. A Antropologia Teológica reconhece que o conflito é proveniente das dificuldades que todos temos de concretizarmos uma experiência relacional interpessoal e comunitária com senso de alteridade.[1] Na carta aos Efésios 4, 22-24 Paulo alerta a comunidade que por causa do homem velho, modelo comportamental a qual estamos presos, não conseguimos apreender a gratuidade e por este motivo buscamos sempre compensações na convivência com os outros. Acrescenta que a violência é considerada a arma eficaz para defesa dos interesses e que o perdão, por implicar em amar com o coração inteiro se torna inviável. Já a injustiça se expressa sempre no exigir do outro aquilo que não lhe dá. No entanto o que mais compromete o homem novo aprisionado pelo homem velho é sobre tudo o medo do que ainda não conhece e o medo de fracassar. Já o Homem Novo, defende Paulo, sabe que ser pessoa é ser criador de si próprio à imagem e semelhança de Deus, e ser instrumento de humanização para os outros; sabe perdoar sem que se lhe peça desculpa, porque o seu perdão precede o arrependimento do outro; é acolhedor e tolerante. Não julga as pessoas pela aparência nem lhes põe etiquetas; é amável, ou seja, é uma pessoa digna de ser amada porque se torna fonte de Vida e riqueza para aqueles que com ele se encontram. O “velho” e o “novo” estão presentes na nossa vida criando uma realidade tensa, dentro e fora de nós, pois mudança de vida implica em tensões e conflitos também na relação com os outros: agressões, incompreensões, rejeições.

## **Objetivos**

Identificar nos relatos bíblicos e na Antropologia Teológica fundamentação que refletisse os procedimentos que poderiam, hoje, constituir a teoria e métodos das técnicas da mediação de conflitos. Servir de fundamentação: na elaboração de ferramentas com o objetivo de proporcionar uma autêntica experiência comunitária eclesial e na capacitação dos agentes de pastoral a trabalharem com as vítimas de violência dentro e fora do ambiente eclesial.

## **Metodologia**

A metodologia de pesquisa desenvolvida utilizou processos de aproximação para comparação entre os modelos de comunicação defendidos nas Sagradas Escrituras e os modelos vigentes que constituem os métodos acolhidos, segundo Malvina Ester Muskat[2], pelo Instituto da Mediação. Coube a este estudo identificar fundamentalmente a relevância dada à comunicação e a maturidade afetiva, presentes nos textos do Novo Testamento, nas práticas pastorais dos nossos tempos.

## **Conclusão**

O Novo Testamento e o Instituto de Mediação de Conflitos partem do princípio que o diferendo é um fato da vida, pois são inerentes à condição humana já que as pessoas são diferentes umas das outras, possuem visão pessoal e particular de suas próprias realidades e por isso têm pontos de vista distintos e via de regra controversos. Em ambas as abordagens o

conflito é observado de uma forma positiva e não como algo insuperável e por isso destrutivo. As situações de impasse são oportunidades de mudança e crescimento. Momento propício para construção de soluções criativas e participativas. Cabe destacar que nas Sagradas Escrituras o ser humano é chamado a ser solidário porque foi criado à imagem de um Deus solidário. A humanização passa pela relação pessoal com Deus e com os outros seres humanos. Co-humanidade é ser e existir “com” e “perto” a outras pessoas. A alteridade se compõe de “ver e ser visto” e de “falar e escutar”. Já o Instituto da Mediação, apesar de essencialmente laical fundamenta-se na inteligibilidade como ferramenta indispensável no processo de humanização das relações.

### **Referências bibliográficas**

[1] *Ef.* 4, 22-24.

[2] MUSKAT, Malvina Ester. **Guia prático de mediação de conflitos**; 2ª Ed.; revista de SP: Sumus, 2008. 101p.